

# as histórias que nos matam

Amor é um sonho  
que ninguém esquece.



**Maria  
Isaac**

**Maria Isaac**

**as histórias  
que nos matam**

**Maria Isaac**

**as histórias  
que nos matam**

## As histórias que nos matam

Maria Isaac

Publicado por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: [delporto@portoeditora.pt](mailto:delporto@portoeditora.pt)

© 2025, Maria Isaac e Porto Editora

Design da capa: Porto Editora

Fotografia da capa: Anastasiia Yarova

1.ª edição: fevereiro de 2025

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

A Autora e o Editor reservam para si o direito de utilização e reprodução desta Obra, nomeadamente para fins de prospeção de textos e dados, seja em ferramentas de inteligência artificial ou noutras bases de dados *sui generis*.



[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)

Execução gráfica **Bloco Gráfico**  
Unidade Industrial da Maia.  
**Sistema de Gestão Ambiental**  
certificado pela APCER,  
com o n.º 2006/AMB.258.  
DEP. LEGAL 542608/25  
ISBN 978-972-0-03947-7



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.

*A vida de uma pessoa não é o que lhe acontece, mas sim aquilo que recorda e a maneira como o recorda (para poder contá-lo).*

– Gabriel García Márquez

*Para o João,  
Daqui, à Lua.*

## Capítulo 1

Miguel Godói temera uma vida curta, sem nunca pensar que o esperava uma morte longa. Depois de mais uma derrota que se repetia e já pouco o humilhava, apresentou-se na recepção do Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

– Miguel Godói para o Dr. Rios.

A jovem do outro lado do balcão pareceu reconhecê-lo logo no primeiro olhar, cumprimentou-o, perguntou-lhe como estava. Apesar de ainda sentir os pensamentos arrastados, a dicção um pouco afetada, assegurou que estava bem, e ela ouviu-o, atenta à breve resposta que ele lhe dava. Era simpática, mais empenhada e gentil do que lhe seria exigido que fosse; viu-a puxar o telefone, marcar números com urgência desnecessária, dedos delicados de mão feminina e bem cuidada, olhar sorridente posto nele.

*Talvez trabalhe aqui há pouco tempo*, pensou, e esforçou-se por compensá-la pela atenção com um sorriso que lhe repuxou a pele do rosto e fez os músculos tremem num espasmo. Gostou de lhe ver o anel esmeralda no dedo anelar, parecia ser antigo, passado de avó para neta, e combinava-lhe com os olhos bondosos que disfarçavam a tristeza daquele hospital e atenuavam o odor a éter que

fazia desmaiar até os mais otimistas. Eram poucas as mulheres assim, gentis, com um encanto possível de se sentir à distância.

Ele queria parecer estar bem, mas não estava. Dedicava-se a observá-la porque lhe parecia ser esse o caminho a fazer em mais um regresso, ligeiramente hipnotizado, seguindo o movimento daquela mão linda e jovem que se elevou pedindo a atenção de uma enfermeira da unidade de neurologia que por ali passava. A mulher viu-os e parou, atenção toda nele, inspecionando-o da cabeça aos pés com um olho clínico de quem não se deixa surpreender por pouco, até que se aproximou.

Ouviu as duas trocarem demasiadas palavras em muito pouco tempo, sem conseguir acompanhar a conversa ou os nomes referidos. Os olhos dele tinham-se distraído mais uma vez, agora pousados no telefone esquecido a um canto da secretária, um inocente aparelho eletrónico que ainda lhe parecia perigoso. Muitos objetos que, como aquele, continuavam a guardar uma ameaça implícita, como o elevador, como o movimento dos ponteiros do relógio preso na parede.

Enquanto elas prosseguiam a conversa, Miguel Godói permanecia numa realidade desalinhada no tempo, tentando alcançá-las, ainda demasiado lento. *Quantos dias?*, perguntou-se. Quantos dias teriam sido apagados da sua vida daquela vez?

Pesado de um cansaço conhecido, moveu-se para se sentar num banco junto às janelas preenchidas de céu. Ao primeiro passo, um desequilíbrio reteve-o, ossos frágeis, visão turva, e então parou, lembrou-se: aquele seu corpo



funcionava de outra forma, com a lentidão e embaraço das coisas partidas e mal emendadas.

A enfermeira foi rápida no auxílio, mãos quentes que seguraram as dele e lhe deram conforto e segurança. Mais de perto, aquela indiferença que julgara ver nos olhos dela era afinal força, uma segurança envolta em algo mais, um poder subtil que ele não conseguia determinar o que seria. A jovem rececionista também viera em seu auxílio, as duas desdobrando-se em cuidados, perguntando-lhe se precisava de alguma coisa, garantindo-lhe que o médico já fora avisado, que a espera seria breve.

– Posso ficar mais um pouco a fazer-lhe companhia – disse a enfermeira para a jovem rececionista. Ela anuiu e regressou ao seu posto, onde já havia gente que aguardava.

– Não é necessário – assegurou-lhe ele. – Posso esperar sozinho.

A enfermeira avaliou, cautelosa, o seu cabelo vasto e volumoso preso num rolo, caracóis desprendidos que denunciavam um longo turno e muitas horas sem se cruzar com o próprio reflexo. Observou-o por mais uns instantes, dando-lhe talvez oportunidade para reconsiderar, até que, por fim, simplesmente anuiu, largou-lhe a mão e deixou-o.

Ele esperou. Nos últimos dois anos, Miguel Godói aprendera a ser um homem mais paciente com as imperfeições, em especial as suas, aquelas que o faziam invejar tanto a banalidade dos outros. Deu-se tempo, repetiu pequenos movimentos de mãos e pernas, esticando e encolhendo, observando-se com a sua nova calma, endireitando-se quanto possível, corrigindo a postura com cuidados.

O Sol, já a meia-luz, desaparecia algures lá fora, numa Lisboa que tão bem conhecia, mas cujo horizonte ele esquecera para que lado ficava. Ali, no corredor à sua frente, também cada vez mais silencioso, passava apenas pessoal médico em troca de plantão. A maioria olhava-o e deixava-lhe algum gesto em cumprimento, um aceno de cabeça, um sorriso, aos quais ele respondia na lentidão, com cordialidade condescendente. Eram olhos iguais aos da enfermeira, habituados a todas as condições médicas, mas esta sua era peculiar, uma daquelas vicissitudes trágicas que tornam um homem num doente crónico e a sua vida num caso de estudo.

Olhou-se sem reconhecer a roupa que usava nem a mochila que segurava. Procurou dentro dela um jornal que o mostrasse ocupado aos que iam passando, aos poucos doentes que por ali também esperavam. Não havia um jornal coerente, apenas um conjunto caótico de folhas soltas de diversos jornais, reunidas em dias dos quais ele não tinha, nem nunca teria, memória, por isso, uma escolha ao acaso serviria o propósito banal. Leu a data numa delas, *Diário de Lisboa*, 7 de fevereiro de 1990, as letras destacadas: *URSS: portas abertas ao pluralismo; a contestação do PSD pelo apoio dado por Cavaco à reeleição de Soares para a Presidência da República; Portugueses confundem telenovela com a realidade.*

O que Miguel Godói pensou verdadeiramente ao olhar a folha de jornal? Aqui fica:

Um par de anos antes, quem folheasse um qualquer jornal diário de 3 de maio de 1988, numa qualquer sala de espera como aquela, encontraria – em alguns deles, logo na primeira página em destaque – referência a um insólito acidente

em Lisboa, causado pela inexplicável avaria na sinalização luminosa da Avenida General Roçadas. Reportou-se que um condutor, mal informado pelo semáforo, prosseguiu a sua marcha em velocidade excessiva, cerca de 70 km/h, mas, no último instante, evitou colidir com um grupo de quatro crianças que atravessavam a avenida com o aval do sinal verde para peões. Esses tais artigos eram escritos em tom de fortúnio pela tragédia evitada, pelas criancinhas inocentes salvas, quase um milagre, só que – infelizmente –, na manobra heroica para salvar as ditas pequenas criaturas, o condutor invadiu o passeio, atropelando outros peões – mais uma vez: infelizmente, um desses peões era Miguel Godói.

Pois, o que dizer para o consolar pela sua má sorte? A imprensa está em declínio e já não agrada a heróis, vilões, nem às trágicas vítimas de ambos, ou sequer aos desocupados que desperdiçam a vida a ler, julgando-os a todos.

Pouco depois, um homem robusto, de passo enérgico e vasta cabeleira grisalha, parou à sua frente. Do bolso da sua camisa axadrezada espreitava uma caneta gorda que refletia a luz de lâmpadas fluorescentes e a tornava dourada.

– Caro Miguel! – cumprimentou-o o Dr. Rios das alturas. O chefe da neurologia era dono de uma voz grande e jovial, expressivo nas boas-vindas como um amigo de longa data. O seu plantão terminara há muito, mas nos últimos meses deixava-se ficar longas horas no hospital para se dedicar à escrita do seu primeiro livro de ficção, um mistério policial cuja inspiração partira do amor pela própria esposa, a quem ele tornara na sua corajosa protagonista; seria o presente para o aniversário de casamento que se aproximava, demasiado rápido para a natureza vagarosa da literatura.

Só mesmo por Miguel Godói é que o Dr. Rios colocaria de lado o seu secreto e precioso manuscrito.

– Doutor. – Apertou a mão grande e peluda que lhe oferecia, aproveitando o cumprimento como ajuda para se levantar.

– Vamos lá? – propôs de imediato o médico, pronto para o que fosse preciso, tal como desde o primeiro dia.

Com um aceno de cabeça, Miguel seguiu-o em silêncio, com movimentos cuidadosos a jeito de doente crónico resignado.

– Meu caro, conte-me: o que aconteceu? – perguntou-lhe na cumplicidade da lenta caminhada que faziam juntos por corredores que iam adormecendo com a chegada da noite.

– Novo apagão. Parece-me que foram uns três dias, desta vez.

– Três?

– Podem ter sido só dois. Ainda estou confuso.

Na surpresa pela notícia, o Dr. Rios parara por instantes, focando atenção e pensamentos para cruzar calendários, exames e medicação, avaliando o próprio trabalho que desenvolvera nos meses mais recentes.

– É importante, depois, clarificarmos todos os pormenores.

À sua frente, Miguel anuiu, continuando no passo a passo lento que o médico facilmente conseguiria alcançar.

– Ultimamente, têm vindo a diminuir, isso é certo, tanto a frequência como a duração. Estava muito esperançoso de que esta medicação nos mantivesse em maior segurança, em crises de ausências que não fossem além de escassas horas.

Ele prosseguia, anuindo enquanto acompanhava o discurso, sem parar nem olhar para trás, com um ligeiro sorriso

pela persistência do bom médico em sempre falar na primeira pessoa do plural de problemas que eram somente seus.

– Mesmo que tenham sido dois dias, é um revés no que já avançamos – concluiu o clínico.

Ao entrarem no gabinete, Miguel declinou o convite para se sentar; não valeria a pena o esforço dos movimentos. Em poucos minutos, o Dr. Rios faria a lista habitual de exames a repetir e logo depois ele retomaria caminho para os realizar, acompanhado de um qualquer enfermeiro ou auxiliar, que, à semelhança da jovem da recepção e da enfermeira, o reconheceria, mas de quem ele provavelmente não se lembraria.

– Estou a pedir análises de sangue de rotina – foi partilhando o médico em voz alta –, teste de funções cognitivas, força muscular, coordenação, equilíbrio, reflexos. O seu ortopedista depois verá se precisa de mais alguma coisa...

Ortopedista. Não tinha memória de ter um nem de quem poderia ser.

– ...e a Dra. Amélia certamente também quererá vê-lo amanhã – continuou o médico.

Da sua esmerada psiquiatra, sim, dela lembrava-se bem.

– Mais uma TAC e um EEG. Preparado? – concluiu em tom de desafio, do qual se acreditaria poder advir um grande prémio final.

Era isto que acontecia, em recorrências imprevistas sempre que sofria de uma crise de epilepsia com ausência de consciência, há cerca de dois anos, desde o acidente que lhe desfigurara o mundo e o tornara num homem que nunca quisera ser.

Imune às frustrações e à passagem do tempo, o entusiasmo do Dr. Rios no seu tratamento mantinha-se, um fascínio profissional que se refletia na dedicação incansável ao seu doente *caso de estudo* em vários artigos científicos, apesar de as melhorias serem poucas e nada significativas. Do ponto de vista do doente, aquele ritual após cada crise era somente um processo inevitável para obter as prescrições dos medicamentos de que precisava, em especial os seus adorados *Valium* e *Tramal*.

Uma nova enfermeira chegou, cumprimentando-o como todos os outros, com simpatia e pelo primeiro nome, pronta para o orientar pelo hospital labiríntico, de sala para sala. Outra pessoa, por aquela altura, já os reconheceria – àquelas pessoas, corredores e salas –, de tantas vezes que passara por ali, repetindo todos aqueles procedimentos, mas Miguel Godói não podia contar com o óbvio. Reconhecer o corredor por onde caminhava não significava que reconheceria a sua continuação ao virar da esquina; por saber que um movimento se seguia a outro no decorrer de um exame, o seguinte poderia revelar-se de súbito uma incógnita; por tudo isto, cada detalhe era-lhe explicado, passo a passo, em todas as ocasiões, e ele ouvia com atenção, até mesmo aquilo que julgava saber.

Após o acidente e quase uma semana em coma, ao acordar, todos acreditaram que o pior teria passado. A sorte, madrastra bipolar e dedicada, sempre ao lado de Miguel Godói, iludiu-o com uma bondade que nunca tivera com ele. Recebera alta médica e até chegara a viver um regresso a casa esperançoso. As sequelas do acidente não pareciam ter ido além de um golpe profundo à sua vaidade, que teria de se

conformar em, dali para a frente, ver no espelho os danos ao seu esqueleto e compassar a vida num novo ritmo, mais lento e de passo desalinhado. As cirurgias iriam, a seu tempo, dar-lhe autonomia, possibilitar-lhe caminhar sem ajudas, mas a anca e a perna esquerda, vítimas de agressões violentas, nunca voltariam ao que eram. A sua postura reta de homem orgulhoso ficaria vergada a ângulos de corpo sobrevivente.

Foi só mais tarde que ele piorou, que as crises começaram, que a rocha rolou vinda do pico da montanha, e então surgiu o diagnóstico: epilepsia pós-traumática, com convulsões *grande mal* ou crises focais complexas. A quem procurar saber mais sobre o tema, estão-lhe garantidas leituras interessantes.

Muitas conversas com o Dr. Rios, diversos medicamentos experimentados e combinações de doses, longas horas de tortura com nome de fisioterapia, e no doloroso processo ele foi aprendendo a conviver com aquele corpo que o tornara num outro homem, em muitos dias ainda um desconhecido.

– Quer ficar a dormir aqui esta noite? – sugeriu-lhe a chefe de serviço quando terminou o último exame, já a noite ia avançada, e depois de a enfermeira que o acompanhara até ali o depositar no pequeno gabinete de paredes cremes e parco mobiliário.

– Não é necessário, obrigado.

Toda a vontade que ainda restava nele estava em sair dali o quanto antes.

– O Dr. Rios combinou consigo a próxima consulta... terça-feira à tarde?

Ele anuiu. Ela sorriu.

– Quem pode vir buscá-lo? – perguntou, para registo na nota de alta. – A Júlia?

– Sim. Pode telefonar-lhe?

– Com certeza. Ela é Júlia... – murmurou, um simples pensamento em voz alta, procurando a informação do contacto telefónico na folha da ficha do paciente.

– Júlia... – repetiu, sem conseguir acrescentar o apelido da sua amiga de infância.

– Eu vejo aqui – descansou-o ela, continuando a organizar folhas. – Rocha. Júlia Rocha. – Sorriu, abstraída do teste de memória que involuntariamente colocara ao paciente e que ele falhara em superar. De seguida levantou-se e saiu para ir fazer o telefonema.

Mais uma vez, ele esperava. Pálpebras pesadas, olhos a lacrimejar, persistindo no seu retorno àquela vida que não escolhera, que não era possível mudar, nem havia como fugir.

Começo por aqui, por um início, porque assim o diz Lewis Carroll, «começa pelo princípio e continua até chegares ao final; aí, para». E porque é aqui, do início, que sempre ficam mais detalhes, até algumas coisas aborrecidas, e depois continuarei com tudo o mais que for possível dos dias que se seguiram, quando ele não resiste à maior das tentações, a esperança, o acreditar que, por fim, talvez o espere algo inesperado, melhor.

Será desta vez que tudo mudará? É difícil ter certezas com linhas de tempo irregulares, tantos espaços negros e forças que nem médicos nem ciência conseguem definir ou compreender. Logo neste dia, Miguel Godói via em eco, o mundo que lhe tocava os olhos esbatia-se sem que desse conta de que era sempre ele quem se apagava.



## Capítulo 2

Ela chegou logo depois dos papéis da alta médica – passo bem ritmado, trazendo vento, olhos pretos de um abismo para onde se atiram pesadelos que se querem esquecidos – e encontrou-o à sua espera, o seu amigo de infância junto a uma frecha de janela, a fazer lembrar um cão tabagista apaixonado pela Lua.

Deixou a mala e as chaves do carro caírem sob o banco de madeira, o alarido espantando silêncios e o pouco mais que havia naquele pequeno gabinete vazio.

– Foi assim tão bom? – perguntou ao parar junto a ele, observadora do estado do homem, da tristeza do espaço.

À falta de uma reação, inclinou-se para lhe exhibir o sorriso certo, aquele perante o qual os derrotados começam a erguer-se, e abraçou-o sem tempo para terminar, como aprendera a fazer com os filhos que tinham crescido depressa demais e já não precisavam dela.

Miguel Godói grunhiu uma resposta sem palavras, no conforto da proximidade, a cabeça dela no seu peito, afaçando-a como se fosse Júlia quem pedira ajuda, ela quem mais precisasse dele.

– Para onde te esquivaste desta vez, raposa velha?

– Leiria.

– Aquilo é alguma treta de jeito por lá?

A resposta foi um encolher de ombros, um peito a encher-se de ar, mais uma passa no cigarro e uma nuvem de fumo soprada sobre a cabeça dela na direção da janela entreaberta.

– Se é assim, não perdi muito. Mas tenta lembrar-te de me levares... numa próxima ocasião, quem sabe?

– Vou tentar não *esquecer* – prometeu com a mesma ironia.

Miguel descartou o cigarro no cinzeiro de parede, passou os braços sobre os ombros dela e puxou-a ainda mais para si, como uma criança abraçaria o seu cobertor velho favorito.

Não se lembrava da vida sem ela, e o contrário também era verdade. Ambos tinham agarrado a primeira oportunidade para deixar para trás uma infância difícil, conquistar uma vida convencional e previsível, ambos acreditaram que tinham sido bem-sucedidos, ambos falharam, engolidos e cuspidos juntos pelo que alguns chamam destino, sobreviventes numa irmandade de crianças criadas pelo medo.

– Precisas mesmo de vir direito para aqui? – questionou quando Miguel por fim a largou. À volta, o gabinete era de verdes e amarelos, tudo mais melancólico do que as doenças que o hospital albergava.

– Não, mas é a maneira mais rápida de despachar as coisas.

– Continuo a dizer que quando estas merdas te acontecem devias ir mas é para casa, fazer uma pausa, esperar que as ideias assentem, e só depois tratar de médicos e o raio que os parta a todos.

Júlia olhou por cima do ombro em desconfiança, o instinto de quem perdera a fé em Deus e, por fim, nos homens,

em todos, bons e maus, médicos e enfermeiros incluídos. Miguel moveu-se com o intuito de lhe abrandar os protestos, dando sinal para irem embora.

– Deixa-te estar aí sentado. Dá-me uns minutos de avanço para ir buscar o carro e depois desce, que estou lá fora à tua espera.

Miguel obedeceu. Depois de mais aquela derrota na batalha com a sua mente, estava demasiado exausto para tentar fingir que não estava. Até um certo dia de primavera na Avenida General Roçadas, fora um homem como poucos, melhor do que a maioria. Agora, nem conseguia esperar de pé.

A viagem de carro foi silenciosa, pela madrugada, pelo cansaço, pelas luzes amarelas nos passeios que disfarçavam o frio numa Lisboa entregue a animais noturnos. Mas de algum local na sua mente vinham acordes iniciais de piano, aos quais se juntava um saxofone, o início de uma composição de Lee Morgan, tinha a certeza, embora não se lembrasse do nome.

Alguns pequenos cafés ainda abertos murmuravam, albergavam insónias, desilusões, promessas não cumpridas e os homens que as carregavam. Nos grandes edifícios de muitos andares, apenas o silêncio de janelas escurecidas, ausências, aqueles outros que dormiam e sonhavam em vidas empilhadas. Ainda assim, Miguel Godói queria tanto ser como eles, os outros.

*Talvez seja «Since I Felt For You».* Voltava à busca da música para fugir dos desejos inúteis. *Talvez «Ciora».*

Ao chegarem a Campolide, Júlia amaldiçoou a falta de um lugar para estacionar mais perto, depois o frio, depois

o excesso de bolsos no casaco que a obrigava a apalpar-se toda até encontrar cigarro e isqueiro. Ajudou-o a subir as escadas e abriu-lhe a porta com a chave que ele lhe entregara no dia em que finalmente conseguira regressar a casa, vários meses após o acidente.

O som na fechadura desencadeou um pensamento, e ele pousou-lhe de súbito uma mão no ombro.

– Não digas!... – tentou impedi-la.

Mas foi em vão, ela já clamava a alta voz para a casa vazia:

– Até os cães vadios voltam para mijar em casa!

– Tens de parar de dizer isso – implorou-lhe, ao reconhecer aquele momento entre as memórias do período pós-acidente, o execrável hábito de o anunciar à casa nos seus regressos após uma crise de ausência.

Surgiu-lhe então um sorriso inevitável, o primeiro genuíno desde que recuperara a consciência, pela pequena memória que emergira do esquecimento, por continuar a tê-la ao seu lado, pela sua gargalhada que espantava solidões, enquanto Júlia avançava para a sala.

– Procurei-te no início da semana e vi... – apontou o sofá, desenhando um círculo invisível com o dedo indicador. *A porcaria que deixaste para trás*, era o que faltava dizer.

Provavelmente encontrara vomitado, o que não seria a pior das hipóteses. Quem sabe também algumas coisas destruídas, danos colaterais no típico rastro de caos dos seus apagões.

– Imagino que sim. Obrigado por teres limpado e arrumado tudo. Não precisas de fazer essas coisas. A Elvira trata dessa parte.

Elvira, a mulher a dias que lhe invadia a casa duas vezes por semana para sacudir pó e tristezas, trocar e lavar roupas, para lhe fazer comida, encher o congelador e mantê-lo vivo. Fora sugestão de Júlia, uma forma discreta de o manter mais tempo sob vigilância. Ainda assim, ela própria fazia muitas dessas tarefas por diversas vezes, porque cuidar era o que Júlia mais fazia, o tique nervoso que desenvolvera vinte anos antes, uma mãe adolescente transformada em rainha do lar, esposa dedicada, agora mãe-galinha com o ninho vazio, trocada pela *mulher mais nova*.

– Foi o pagamento pela estadia. Acabei por ficar aqui uma noite – justificou-se ela.

Ele anuiu, não lhe perguntou porquê nem o que acontecera. Entre eles, as confissões circulavam por iniciativa própria. Só Júlia sabia toda a verdade, sobre aquela sua vida e as suas limitações – era a única pessoa a quem ele o poderia confiar –, e talvez por isso se sentisse um pouco em dívida para com ela, em falta pelo pouco tempo que lhe dedicava e o muito que recebia em troca. Em ocasiões, esforçava-se para a compensar, mas o sofrimento vai tornando o mundo mais pequeno, alimenta egoísmos e é pai orgulhoso de narcisistas como Miguel Godói.

Devolveu-lhe as chaves. Não sabia o que fizera das suas, mas tinha outras cópias algures pela casa, só precisava de algum tempo para descobrir onde as tinha guardado – as chaves e tantas outras coisas banais que teria de redescobrir e reencontrar nos dias que se seguiriam.

Júlia segurou-as, passando-as entre as suas mãos cor de canela, entre dedos com pontas de unhas roídas, à vista estava a longa e velha cicatriz feita há quase trinta anos

pelo primeiro canivete dele, roubado na Feira do Relógio. Olhavam-se no silêncio estagnado que aumentava a casa em ecos.

Foi ele quem desviou o olhar; não queria imaginar como ela o veria naquele corpo de músculos frágeis; felizmente, fosse lá o que fosse que os olhos negros de Júlia vissem de diferente ou de menor nos últimos dois anos, Miguel nunca o sentia. Ela precisava tanto de cuidar como ele de ser cuidado.

– Não consigo parar de pensar em espelhos – confessou-lhe, caminhando para um cadeirão velho junto à secretária que ocupava o canto mais afastado da sala escurecida. Ligou um pequeno candeeiro que prometia proteger segredos com a sua luz doce.

– Estou a ver que ainda não há sono.

Ele queria falar, e ela gostava de ouvir. Júlia descalçou-se, foi até ao móvel da televisão e sentou-se sobre o grande tapete azul, abriu as duas portas de boa madeira talhada, tirando de lá um copo e a garrafa de *Laphroaig* da qual só ela se servia.

– Podemos começar – anunciou, com um brinde só dela, entre copo e garrafa.

Falaram um pouco de tudo, muito de nada. Miguel pensou alto para ela, sobre o seu acordar num hotel desconhecido em Leiria, como era habitual, na casa de banho, dentro da banheira. Articulou-se como a exaustão permitia, com o propósito de construir pensamentos que, por si próprios, criariam as emoções paliativas a um homem que pouco sabia sobre o seu mundo mais recente.

No final, terminava a madrugada, o Sol nascia novamente, e Júlia adormecia no sofá, repetindo-lhe que tudo se resolveria, que ambos ficariam bem.

– ...um dia.